

presidente José Sarney sugeriu ao arquiteto Oscar Niemeyer, durante jantar no Palácio do Jaburu, na noite de 2ª feira, que o monumento em memória de Tancredo seja construído no lugar do mastro da bandeira na praça dos Três Poderes. "Poderia ser uma pirâmide", justificou, que, lembrasse para sempre os compromissos democráticos assumidos pelo presidente Tancredo Neves. Como alternativa, Sarney levantou a hipótese de se aproveitar a área do Parque da Cidade para se construir o monumento. Ele acha que à semelhança de memorial existente em Washington, o Parque poderia servir à instalação de monumento que homenageasse os nossos antepassados ilustres.

# SÍMBOLO AUGUSTO MÉDICI

MARIA DO ROSARIO  
CAETANO  
Repórter Especial

A sugestão do presidente Sarney ao arquiteto Oscar Niemeyer, no sentido de se usar o espaço do mastro monumental, suporte da bandeira brasileira, como alternativa para a construção de um monumento à memória de Tancredo Neves, traz à tona muitos questionamentos.

O primeiro e maior deles diz respeito à função do monumento cívico, inaugurado no dia 1º de setembro de 1972, quando o País vivia o auge do ufanismo verde-amarelo disseminado pelo Governo Médici. Para muitos, com a Nova República, perde sentido manter o Monumento ao Pavilhão Nacional, construído em dimensões tão faraônicas.

Quando o mastro monumental foi inaugurado, Oscar Niemeyer lamentou as "deturpações" que o plano original de Brasília vinha sofrendo, cada vez com mais intensidade. No Governo Médici (o Distrito Federal era administrado por Hélio Prates da Silveira) tornaram-se constantes alterações no plano piloto de Brasília. Além do mastro, foi construído o Centro de Convenções, e uma dezena de grandes edifícios. Para nenhum destes projetos, Niemeyer foi consultado. Suas relações com os governos militares abalou-se, após a construção do Aeroporto Internacional, que preteriu ousado projeto do criador de Brasília.

O arquiteto Sérgio Bernardes passou, então, a ocupar no Governo Médici o espaço que Niemeyer ocupou no Governo JK. Conta-se, porém, que durante o Governo Figueiredo, sugeriu-se a Niemeyer a construção de um mastro mais adequado à concepção plástica da Praça dos Três Poderes. Tal obra substituiria o mastro de Sérgio Bernardes. Oscar não aceitou a incumbência, argumentando que não tomaria atitude que fosse prejudicial a um colega de profissão.

Não foi possível, ainda, confirmar esta história com Niemeyer. Só hoje anunciará detalhadamente os resultados de seus entendimentos com o presidente José Sarney. Resta saber se, com os ventos da Nova República, se interessará em substituir o mastro por um monumento a Tancredo Neves.

## PAVILHÃO

Em agosto de 1972, ano do Sesquicentenário da Independência, os meios de comunicação anunciaram que, em breve, "o País veria tremer, a cem metros de altura, pairando acima de qualquer edificação e oferecendo, de qualquer ponto da cidade, a visão simbólica de nossa autonomia político-cultural: a bandeira brasileira".

Esta portentosa e simplista visão da autonomia de um povo estava colocada sobre um mastro monumental, inaugurado no primeiro dia de setembro, durante a Semana da Pátria.

## As despesas mensais gastos na confecção de uma bandeira de 286 metros quadrados parecem muito grandes. Mobilizar estados e grupos folclóricos para uma solenidade de substituição do pavilhão nacional parece não mais se harmonizar com os novos tempos. Pode ser, então, que Niemeyer e o presidente Sarney tenham sucesso em sua proposição: erigir, no lugar do Monumento ao Pavilhão Nacional, um Monumento a Tancredo Neves.

Aliás, a economia tem sido a motivação maior do presidente Sarney. Em conversa confidencial com os amigos, ele lembrou que a construção de um Memorial ou um Panteão custa muito caro e nem sempre atrai o visitante. Por isto, ele quer um monumento colocado na praça ou no parque público, onde o povo esteja sempre presente.

De acordo com os valores da época — tempo da Transamazônica, da Ponte Rio-Niterói e do Mobral — Bernardes construiu um monumento de dimensões faraônicas. O mastro é formado



por 24 hastas, de cinco seções de diferentes diâmetros - de 40 centímetros na base, de 30, de 20, de 16 e de 10 centímetros no topo - e ligadas por 16 anéis. Convergem as 24 hastas, a 86 metros do chão, em uma só haste final, totalizando 100 metros todo o mastro.

A bandeira mede 286 metros quadrados. O conjunto é iluminado por 12 projetores de dois mil watts, ligados a uma fotocélula que os acende, automaticamente, ao pôr-do-sol e os apaga, ao amanhecer.

Na base do mastro estão re-

gistrados os seguintes dizeres:

"Sob a guarda do povo brasileiro, nesta Praça dos Três Poderes, a Bandeira sempre no alto

visão permanente da Pátria".

Em torno do Monumento ao

Pavilhão Nacional organizaou-

-se, até 1982, portanto durante 10

anos, minucioso projeto de culto

cívico. No primeiro domingo de

cada mês, um dos ministérios

militares dirigia a solenidade

de troca da bandeira. Para dar

à cerimônia um caráter popu-

lar, governos estaduais, convi-

dados, traziam a Brasília gru-

pos folclóricos.

Com o início do fim dos gove-

rnos militares, a cerimônia foi

perdendo sua pompa. Após o 15

de novembro de 1982, data da

eleição direta de governadores,

surgiu um ponto polêmico: os

militares devem convidar Leonel Brizola, governador do Rio de Janeiro, para a solenidade

de troca do pavilhão nacional?

Decidiu-se que não. Dali em

diante, só o Governo do Distrito

Federal cuidaria da cerimônia.

Hoje, com os ventos da Nova

República, a bandeira nacional

de tornou um símbolo cotidiano,

usado nas passeatas e comícios

sem o tom circunspecto e oficial

da década de 70.

As despesas mensais gasta-

na confecção de uma bandeira

de 286 metros quadrados pare-

cem muito grandes. Mobilizar

estados e grupos folclóricos pa-

ra uma solenidade de substitui-

ção do pavilhão nacional parece

não mais se harmonizar com os

novos tempos. Pode ser, então,

que Niemeyer e o presidente Sar-

ney tenham sucesso em sua pro-

posição: erigir, no lugar do Monu-

mento ao Pavilhão Nacional, um

Monumento a Tancredo Neves.

Além, a economia tem sido a

motivação maior do presidente Sarney. Em conversa confidencial com os amigos, ele lembrou que a construção de um Memo-

rial ou um Panteão custa muito

caro e nem sempre atrai o visi-

te. Por isto, ele quer um monu-

mento colocado na praça ou no

parque público, onde o povo

esteja sempre presente.

Niemeyer e o Alvorada

O arquiteto Oscar Niemeyer, detalhou, hoje, à imprensa,

sus conversas com o presidente José Sarney, a respeito da

construção de um monumento a

Tancredo Neves, e das opiniões

de Dona Marly sobre as refor-

mas do Palácio da Alvorada, fu-

tura residência oficial da Presi-

dência.

Na manhã de ontem, o Palácio

da Alvorada viveu dia espe-

cial. Enquanto seus amplos gra-

mados eram aparados por mu-

itas máquinas, os funcionários

aguardavam. Eles sabiam que

a qualquer hora, a primeira da-

ma, Dona Marly Sarney, chega-

ria ao local com o arquiteto Os-

car Niemeyer. Mesmo assim,

segundo hábito da Velha Repú-

blica, disseram não saber de

nada.

No Jaburu, local para onde se

dirigiu a reportagem do CORREIO BRAZILIENSE, fomos informados, por Rosa, se-

cretária de Dona Marly, que a

primeira dama achava a visita

ao Palácio da Alvorada um "fa-

to de menor importância". In-

sistimos que, para nós, tinha

importância e que gostaríamos

de documentar a visita. Dona

Marly ainda, através de sua se-

cretaria, foi rigorosa. Queria

fazer a visita sem a companhia

da imprensa. Nem o fotógrafo

poderia entrar. Assim, nem o

horário da visita nos foi revela-

do. (MRC)

Niemeyer e o Alvorada

O arquiteto Oscar Niemeyer, detalhou, hoje, à imprensa,

sus conversas com o presidente José Sarney, a respeito da

construção de um monumento a

Tancredo Neves, e das opiniões

de Dona Marly sobre as refor-

mas do Palácio da Alvorada, fu-

tura residência oficial da Presi-

dência.

Na manhã de ontem, o Palácio

da Alvorada viveu dia espe-

cial. Enquanto seus amplos gra-

mados eram aparados por mu-

itas máquinas, os funcionários

aguardavam. Eles sabiam que

a qualquer hora, a primeira da-

ma, Dona Marly Sarney, chega-

ria ao local com o arquiteto Os-

car Niemeyer. Mesmo assim,

segundo hábito da Velha Repú-

blica, disseram não saber de

nada.

No Jaburu, local para onde se

dirigiu a reportagem do CORREIO BRAZILIENSE, fomos informados, por Rosa, se-

cretária de Dona Marly, que a

primeira dama achava a visita

ao Palácio da Alvorada um "fa-

to de menor importância". In-

sistimos que, para nós, tinha

importância e que gostaríamos

de documentar a visita. Dona

Marly ainda, através de sua se-

cretaria, foi rigorosa. Queria

fazer a visita sem a companhia

da imprensa. Nem o fotógrafo

poderia entrar. Assim